

Graham Greene

O FACTOR HUMANO

Prefácio
Colm Tóibín

Tradução
Maria João Freire de Andrade

2.^a edição

Capítulo Um

Desde que, há mais de trinta anos, tinha entrado para a organização como jovem recruta, Castle almoçava todos os dias num *pub* atrás da St. James's Street, não muito longe do escritório. Se lhe tivessem perguntado porque almoçava ali teria mencionado a excelente qualidade das salsichas. Talvez preferisse uma cerveja diferente da do Watney's, mas a excelência das salsichas compensava isso. Tinha sempre uma explicação para as suas acções, mesmo as mais inocentes, e era extremamente pontual.

Assim, ao bater da uma estava preparado para sair. Arthur Davis, o seu assistente, com quem partilhava o gabinete, saía pontualmente ao meio-dia para almoçar e regressava, em teoria apenas, uma hora depois. Estava implícito que, no caso de algum telegrama urgente, um deles teria sempre de estar presente para fazer a decifração, mas ambos sabiam muito bem que naquela subdivisão particular do departamento nunca havia nada verdadeiramente urgente. A diferença horária entre a Inglaterra e as diversas regiões da África Oriental e Meridional, de que os dois se encarregavam, era, por norma, suficientemente grande – apesar de no caso de Joanesburgo ser pouco mais de uma hora – para que ninguém fora do departamento tivesse de preocupar-se com atrasos na entrega de uma mensagem: o destino do mundo, declarava Davis com frequência, nunca seria decidido naquele conti-

nente, por mais embaixadas que a China ou a Rússia pudessem abrir, de Adis Abeba a Conacri, ou por mais cubanos que ali aterrassem. Castle escreveu uma nota a Davis: «Se o Zaire responder à número 172, envia cópias às Finanças e aos NE.» Olhou para o relógio. Davis estava dez minutos atrasado.

Castle começou a arrumar a pasta – juntou uma nota com as compras que tinha de fazer à mulher na loja de queijos de Jermyn Street, incluiu um presente para o filho com quem fora desagradável naquela manhã (dois pacotes de *Maltesers*) e guardou também um livro, *Clarissa Harlowe*, do qual não lera mais do que o Capítulo LXXIX do primeiro volume. Assim que ouviu a porta de um elevador fechar-se e os passos de Davis no corredor saiu da sala. O intervalo para o seu almoço de salsichas fora reduzido em onze minutos. Ao contrário de Davis, regressava sempre pontualmente. Era uma das virtudes da idade.

Naquele escritório discreto, Arthur Davis chamava a atenção pelas suas excentricidades. Lá vinha ele, no outro extremo do longo corredor branco, vestido como se tivesse acabado de regressar de um fim-de-semana de montaria no campo, ou talvez de uma corrida de cavalos. Usava um casaco desportivo de *tweed* esverdeado e exibia um lenço às pintas escarlates no bolso do peito: podia perfeitamente ir assistir a uma corrida de cavalos. Mas lembrava um daqueles actores a quem dão o papel errado: quando tentava representar à altura do guarda-roupa, normalmente negligenciava a interpretação. Se em Londres parecia acabado de chegar do campo, no campo, quando visitava Castle, era inequivocamente um turista cidadão.

– Pontual, como sempre – ironizou Davis com o seu habitual sorriso comprometido.

– O meu relógio está sempre um pouco adiantado – respondeu Castle, a desculpar-se pela crítica velada. – Presumo que seja um complexo de ansiedade.

– A contrabandear segredos de estado, como de costume? – perguntou Davis e, meio a brincar, tentou tirar a pasta a Castle. O seu hálito tinha um cheiro adocicado: era viciado em vinho do Porto.

– Oh, deixei-os cá todos para tu venderes. Consegues obter um preço melhor através dos teus contactos obscuros.

– Que simpático da tua parte.

– E além disso és solteiro. Precisas mais de dinheiro do que um homem casado. Eu divido as minhas despesas...

– Ah, mas aqueles restos horríveis – comentou Davis –, o assado transformado em empadão de carne, as almôndegas duvidosas. Será que vale a pena? Um homem casado nem sequer se pode dar ao luxo de um bom porto.

Entrou no gabinete que partilhavam e ligou a Cynthia. Havia dois anos que Davis andava atrás de Cynthia, mas a filha de um major-general procurava caça maior. Apesar disso, Davis continuava esperançado. Era sempre mais seguro, explicava, ter um caso dentro do departamento, nunca seria considerado uma ameaça à segurança, mas Castle sabia que ele gostava mesmo de Cynthia. Tinha um enorme anseio pela monogamia e o humor defensivo de um homem solitário. Uma vez, Castle visitara-o no apartamento por cima de uma loja de antiguidades não muito distante do Claridge's, que ele dividia com dois homens do Departamento do Ambiente: muito central e W1.

– Devias viver um pouco mais perto – aconselhara-o Davis na desarrumada sala de estar, onde revistas para diferentes gostos, a *New Statesman*, a *Penthouse* e a *Nature* cobriam o sofá, e copos sujos da festa de outra pessoa tinham sido empurrados para os cantos para que a mulher-a-dias os descobrisse.

– Sabes muito bem quanto nos pagam – argumentou Castle – e sou casado.

– Um grave erro de discernimento.

– Para mim, não – replicou Castle. – Gosto da minha mulher.

– E claro que há o pequeno bastardo – continuou Davis. – Eu não me poderia dar ao luxo de crianças e porto.

– Acontece que também gosto do pequeno bastardo.

Castle estava prestes a descer os quatro degraus de pedra até Piccadilly quando o porteiro lhe disse:

– O brigadeiro Tomlinson quer falar consigo, senhor.

– O brigadeiro Tomlinson?

– Sim. Na sala A Três.

Castle só vira o brigadeiro Tomlinson uma vez, há muitos anos, nem sabia dizer quantos, no dia em que fora nomeado – no dia em que colocara o seu nome sob a lei de segredo de estado, quando o brigadeiro era um oficial de patente muito baixa, se é que já era oficial. Só recordava dele um pequeno bigode preto semelhante a um objecto voador não identificado, a pairar por cima de uma pista de papel mata-borrão imaculadamente branco, talvez por motivos de segurança. A mancha do seu nome depois de ter assinado a lei transformou-se na única falha na superfície do papel e, quase de certeza, essa folha fora arrancada e lançada ao incinerador. Havia quase um século que o caso Dreyfus revelara como os cestos de papéis podem ser perigosos.

– Ao fundo do corredor, à esquerda – recordou-lhe o porteiro, quando estava prestes a seguir por um caminho errado.

– Entre, entre, Castle – convidou o brigadeiro Tomlinson. O bigode era agora tão branco quanto o mata-borrão e, com os anos, deixara crescer uma pequena barriga sob o casaco asser-toado. Apenas a patente dúbia se mantinha constante. Ninguém sabia a que regimento pertencera anteriormente, nem se tal regimento existia mesmo, já que todos os títulos militares naquele edifício eram um pouco suspeitos. As patentes bem podiam fazer parte do disfarce universal. – Parece-me que não conhece o coronel Daintry – prosseguiu.

– Não. Acho que não... Muito prazer.

Daintry, apesar do impecável fato escuro e do rosto achatado, dava muito mais a impressão de ser um homem do ar livre do que Davis. Se, à primeira vista, Davis poderia ser confundido com um corretor de apostas, Daintry estaria indiscutivelmente à vontade num ambiente luxuoso ou numa coutada de perdizes. Castle gostava de fazer esboços-relâmpago dos colegas. Por vezes, até os passava para o papel.

– Acho que conheci um primo seu na faculdade, na Corpus – disse Daintry. Falava num tom agradável, mas parecia um pouco impaciente. Provavelmente, tinha de ir apanhar um comboio para norte em King's Cross.

– O coronel Daintry – explicou o brigadeiro Tomlinson – é a nossa nova «vassoura». – Castle reparou que Daintry estremecera ao ouvir a designação. – É o sucessor de Meredith na chefia da segurança. No entanto, não sei se você alguma vez conheceu o Meredith.

– Suponho que se refere ao meu primo Roger – deduziu Castle. – Não o vejo há anos. Foi o primeiro da turma em Literaturas Clássicas. Acho que agora se encontra no Ministério das Finanças.

– Estive a explicar ao coronel Daintry como funciona a nossa organização – continuou o brigadeiro Tomlinson a papaguear, sem sair do seu próprio comprimento de onda.

– Eu tirei Direito. Um pobre segundo lugar – respondeu Daintry. – Formou-se em História, não é verdade?

– Sim. Um terceiro lugar muito fraco.

– Na House?

– Sim.

– Expliquei ao coronel Daintry – disse Tomlinson – que só você e o Davis é que tratam dos telegramas confidenciais no que se refere à Secção Seis A.

– Se é que se pode chamar confidencial a alguma coisa na nossa secção. Claro que o Watson também os vê.

– O Davis estudou na Universidade de Reading, não é verdade? – perguntou Daintry num tom que se poderia interpretar como um toque de desprezo.

– Estou a ver que fez os trabalhos de casa.

– Por acaso, acabei de falar com o Davis.

– Então foi por isso que ele se atrasou dez minutos ao almoço.

O sorriso de Daintry assemelhava-se ao reabrir doloroso de um ferimento. Tinha lábios muito vermelhos que se separavam nos cantos com uma certa dificuldade.

– Falei com o Davis a seu respeito, por isso agora estou a falar consigo a respeito do Davis. Uma verificação aberta. Vai ter de desculpar a nova «vassoura». Tenho de aprender as cordas¹ – explicou, a confundir as metáforas. De seguida acrescentou: – Precisamos de manter a disciplina... apesar da confiança que temos em ambos, é claro. Já agora, ele *avisou-o*?

– Não. Mas para quê acreditar em mim? Podemos estar combinados.

O ferimento reabriu-se mais um pouco e voltou a fechar-se.

– Pareceu-me que, no que se refere à política, ele é um pouco esquerdista. É verdade?

– É membro do Partido Trabalhista. Deve ter-lho dito.

– Claro que isso não tem nada de errado – disse Daintry. – E você...?

– Não me meto em política. Espero que o Davis também lhe tenha dado essa informação.

– Mas de vez em quando vota, não?

– Acho que não votei uma única vez desde a guerra. Actualmente, os assuntos parecem muitas vezes... bom, um pouco mesquinhos.

– Uma perspectiva interessante – respondeu Daintry, num tom reprovador. Castle percebeu que dizer a verdade fora um erro de discernimento, embora exceptuando as ocasiões mesmo importantes, preferisse sempre dizer a verdade. Ela pode ser verificada. Daintry olhou para o relógio. – Não o prendo por mais tempo. Tenho de ir apanhar um comboio a King's Cross.

– Um fim-de-semana de caça?

– Sim. Como é que soube?

– Intuição – respondeu Castle e voltou a arrepender-se da resposta. Era sempre mais seguro ser-se discreto. Havia alturas,

¹ Trocadilho não passível de tradução para português. *Broom* (vassoura) é utilizado para se referir a «limpezas», verificações de segurança, ocorridas numa organização. *Ropes* (cordas) faz parte do calão utilizado no boxe e refere-se a alguém que se mantém vigilante dentro do recinto de boxe. (*N. da T.*)

cada vez mais frequentes com o passar dos anos, em que sonhava acordado com a submissão total, como outro indivíduo poderia ter sonhado fazer um *century* inesquecível no Lord's.²

– Deve ter reparado no estojo da minha espingarda que estava junto da porta?

– Sim – confirmou Castle, que só o viu naquele momento –, foi essa a pista. – Sentiu-se satisfeito por ver que Daintry parecia tranquilizado.

Daintry explicou:

– Não há nada de especial nisto, sabe? Apenas uma verificação de rotina. Existem tantas regras que, por vezes, algumas são negligenciadas. É a natureza humana. Por exemplo, o regulamento acerca de não se sair do escritório com trabalho...

Olhou significativamente para a pasta de Castle. Um oficial e cavalheiro abri-la-ia de imediato com uma piada curta para que fosse inspeccionada, mas Castle não era oficial, nem nunca se considerara um cavalheiro. Queria ver até que ponto a nova vassoura seria capaz de varrer de baixo da mesa.

– Não vou para casa. Vou só almoçar – comentou.

– Não se importa, pois não...? – Daintry estendeu a mão para a pasta. – Pedi o mesmo ao Davis – acrescentou.

– Quando o encontrei, o Davis não levava nenhuma pasta – replicou Castle.

Daintry corou devido ao erro. Castle teve a certeza de que sentiria a mesma vergonha se tivesse abatido um batedor.

– Oh, então deve ter sido aquele outro tipo – desculpou-se Daintry. – Esqueci-me do nome dele.

– O Watson? – sugeriu o brigadeiro.

– Sim, o Watson.

– Então também revistou o nosso chefe?

– Faz tudo parte da rotina – respondeu Daintry.

² Terminologia desportiva referente ao críquete. *Century* refere-se à execução de 100 ou mais *runs* (corridas) nos *innings* (entradas). Lord's refere-se a Lord's Ground, um campo de críquete, situado em St. John's Wood, Londres. (*N. da T.*)

Castle abriu a pasta. Tirou um exemplar do *Berkhamsted Gazette*.

– O que é isso? – perguntou Daintry.

– O jornal da minha região. Ia lê-lo ao almoço.

– Oh, sim, é claro. Esqueci-me. Você vive bastante longe. Não acha que é um pouco inconveniente?

– Não chega a uma hora de comboio. Preciso de uma casa e de um jardim. Tenho um filho, percebe... e um cão. Não se pode ter nenhum deles num apartamento com um certo conforto.

– Reparei que anda a ler *Clarissa Harlowe*. Está a gostar?

– Sim, pelo menos até agora. Mas há mais quatro volumes.

– O que é isto?

– Uma lista de coisas de que não me posso esquecer.

– Não se pode esquecer?

– A minha lista de compras – explicou Castle. Escrevera sob o endereço impresso da sua casa, 129 King's Road: «Dois pacotes de *Maltesers*, 250 g de *earl grey*. Queijo, *wensleydale*? Ou *double gloucester*? Loção *Pre-Shave Yardley*.»

– Que raio são *Maltesers*?

– Uma espécie de chocolates. Devia experimentá-los. São deliciosos. Na minha opinião, superiores aos *Kit Kats*.

– Acha que seriam bons para a minha anfitriã? Gostaria de lhe levar algo de invulgar – perguntou Daintry e olhou para o relógio. – Talvez pudesse mandar o porteiro... ainda tenho algum tempo. Onde é que se compram?

– Ele pode comprar-lhos na ABC do Strand.

– ABC? – questionou Daintry.

– Aerated Bread Company.

– Aerated Bread³... que raio...? Oh, bem, não há tempo para falar disso. Acha mesmo que... esses chocolates servirão?

– Claro que sim, têm um sabor diferente.

– O Fortnum's fica apenas a um passo.

³ Pão arejado. (*N. da T.*)

– Não os consegue encontrar aí. São baratos.
– Não quero parecer avarento.
– Então, opte pela quantidade. Diga-lhe para comprar um quilo e meio.

– Pergunto-lhe outra vez como é que se chamam? Talvez possa dizer o nome ao porteiro quando sair.

– Então a minha verificação já está terminada? Posso ir?

– Oh, sim. Sim. Expliquei-lhe que era apenas uma formalidade, Castle.

– Boa caçada.

– Muito obrigado.

Castle deu o recado ao porteiro.

– Ele disse um quilo e meio?

– Sim.

– Um quilo e meio de *Maltesers*!

– Sim.

– Posso levar um camião?

O porteiro chamou o seu assistente, que estava a ler uma revista pornográfica.

– Um quilo e meio de *Maltesers* para o coronel Daintry – disse-lhe.

– Isso deve dar cento e vinte pacotes, ou perto disso – alvitrou o homem depois de um cálculo rápido.

– Não, não – replicou Castle –, não é assim tão mau. De qualquer maneira, ele faz questão que seja uma coisa de peso.

Deixou-os a fazerem os cálculos. Chegou quinze minutos atrasado ao *pub* e o seu recanto habitual estava ocupado. Almoçou rapidamente e calculou que tinha recuperado três minutos. Depois comprou o *Yardley's* na drogaria de St. James Arcade, o *earl grey* no Jackson's, um *double gloucester* no mesmo sítio para poupar tempo (embora normalmente fosse à loja de queijos de Jermyn Street), mas os *Maltesers* que tencionara comprar na ABC tinham-se esgotado quando ali chegou – o empregado explicou-lhe que houvera uma procura inesperada e em vez deles teve de comprar *Kit Kats*. Só estava três minutos atrasado quando se reuniu a Davis.

– Não me avisaste que estavam a fazer uma verificação – disse-lhe em tom de censura.

– Fui obrigado a jurar sigilo. Apanharam-te com alguma coisa?

– Nem por isso.

– A mim apanharam. Ele perguntou o que é que eu tinha no bolso do impermeável. Tinha aquele relatório do cinquenta e nove mil e oitocentos. Queria relê-lo ao almoço.

– O que é que ele disse?

– Oh, deixou-me ir com um aviso. Disse que as regras eram feitas para serem cumpridas. Pensar que aquele tipo, o Blake (de que raio queria ele fugir?), apanhou quarenta anos de liberdade de impostos, pressões intelectuais e responsabilidade, e agora somos nós que estamos a sofrer.

– O coronel Daintry não foi muito rigoroso – disse Castle. – Conheceu um primo meu na Corpus. Esse tipo de coisa faz uma certa diferença.